

NIKETCHE:

uma história
de poligamia

Paulina Chiziane



PAULINA CHIZIANE

- Moçambicana;
- Nasceu em 1955;
- Família protestante;
- Infância e juventude no contexto de guerra;
- Atuou na FRELIMO e em outros grupos políticos e sociais.



Mulher coragem, inspiradora,
mulher de vários prémios e
muita humildade.

Vídeo de 21-04-2024

<https://www.youtube.com/watch?v=q1cafvcG8yo>



<https://fliphtml5.com/eykka/dyxj/basic/51-100>

Niketche: uma história de poligamia

Niketche conta a história de Tony, um alto funcionário da polícia, e sua mulher, Rami, casados há vinte anos. Certo dia, Rami descobre que o marido é polígamo: tem outras quatro mulheres e vários filhos com cada uma. As esposas de Tony estão espalhadas pelo país: em Maputo, em Inhambane, na Zambézia, em Nampula, em Cabo Delgado. Numa decisão surpreendente, Rami decide ir atrás de cada uma dessas mulheres.

O livro se abre com uma situação problemática: o filho de Rami é acusado, injustamente, de danificar o vidro de um carro. Ao tentar resolver a situação com o proprietário do veículo e também com a criança, a personagem se vê confrontada, conscientemente, com a ausência constante do marido.

Mais tarde na narrativa, a personagem explica, em um diálogo com outra mulher, que, desde sua infância, ela nunca havia sido ensinada a ter amor-próprio, a amar-se e respeitar-se. Pelo contrário, foi-lhe ensinado a subserviência, a obediência, a naturalização das hierarquias que colocam as mulheres à margem de tudo, em um segundo plano onde são permanentemente coadjuvantes de suas próprias vidas..

Paulína Chiziane

Niketche – Uma história de poligamia, quarto livro da escritora Paulina Chiziane, é narrado em primeira pessoa por Rami e representa não apenas um mergulho na vida dessa personagem, mas principalmente um panorama complexo sobre a difícil situação feminina na sociedade moçambicana

Niketche não conta a história de Tony, mas sim a de Rami. É a sua voz e as suas palavras que constroem a narrativa, apresentam-nos todas as situações e as personagens e é através de sua mediação que conhecemos o marido infiel e as outras mulheres: Julieta, Lu, Saly e Mauá..



No coração da noite residem os sonhos. Um
vezes são coloridos como as flores. Outras, pássaros
negros dançando nas trevas como fantasmas. Anoitece,
meu Deus, eu tenho pavor de uma cama fria. Encosto
a cabeça no travesseiro e conto o número de vezes
que morri. Resisto. Não consigo aceitar a ideia de ser
rejeitada. Eu, Rami, mulher bela. Eu, mulher inteli-
gente. Fui amada. Disputada por vários jovens do meu
tempo. Causei paixões incendiárias. De todos os que
me pretenderam escolhi o Tony, o pior de todos, que
na altura julgava ser o melhor. Vivi apenas dois anos
de felicidade completa num total de vinte e tantos anos
de casamento.

— Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e
a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para
o fundo da terra todos os males que me torturam.
A dança liberta a mente das preocupações do momento.
A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto
guardo a morte. Por que é que não danças?

Dançar. Dançar a derrota do meu adversário.
Dançar na festa do meu aniversário. Dançar sobre a
coragem do inimigo. Dançar no funeral do ente que-
rido. Dançar à volta da fogueira na véspera do grande
combate. Dançar é orar. Eu também quero dançar.
A vida é uma grande dança.

Mário de Carvalho · Pierre Pratt

O homem que engoliu a Lua



 Porto
Editora

Ideia...

Este conto relata a história de um homem, com o nome de Andrade da Mula, que numa noite estrelada de lua cheia, bocejou e engoliu a Lua sobre o olhar de Zé Metade que começa a chamar as pessoas, e, passado uns instantes já estava uma multidão dentro de casa do Andrade.

Tentaram várias formas de tirar a Lua, mas nenhuma delas resultou, então por fim, o presidente da Junta disse para cada um ir para sua casa. No dia seguinte toda a genta ficou estupefacta com o desaparecimento da Lua e era com orgulho que a população do Beco via passar o Andrade da Mula.

◆ Era com orgulho que viam passar o Andrade...

Após, olhou para o céu e bocejou um desses bocejos do tamanho de uma casa, escancarando muito a bocarra que era considerada uma das mais competitivas da zona oriental. E aconteceu aquilo da Lua.

Deslocou-se um bocadinho, assim como quem se desequilibrou, entrou a descer devagar, ressaltou numa ponta de nuvem, que por ali pairava feita parva, e foi enfiar-se inteirinha na boca do Andrade, que só fez “gulp” e esbugalhou muito os olhos.

